

ETNOGRAFIA EM AMBIENTES DIGITAIS: PESQUISANDO AS IMAGENS TÉCNICAS NA EAD

Dilma Marques Silveira Klem

dilmaklem@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

ISSN 2316-6479

Resumo

O presente artigo visa discutir procedimentos etnográficos em ambiente digital como etapa metodológica no projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo o processo estético e cognitivo mediado pela imagem técnica no curso de Artes Visuais em EAD. A investigação no AVA propiciará dados que subsidiarão a consolidação dos resultados do trabalho.

Palavras-chave: Ambiente Virtual de Aprendizagem; Metodologia; Etnografia Digital; Imagens Técnicas.

Abstract

This article aims at discussing ethnographical procedures in digital surroundings as methodological step in the research project that have as study object the esthetic and cognitive process mediated by the technical image in the Visual Arts course in EAD. The investigation on AVA will propitiate data that will subsidize the consolidation of the work results.

Key-words: Digital learning surroundings; methodology; Digital ethnography; technical images.

Introdução

O presente artigo visa discutir procedimentos etnográficos em ambiente digital como etapa metodológica no projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo o processo estético e cognitivo mediado pela imagem técnica presente em disciplinas do curso de Artes Visuais em EAD. O ambiente virtual de aprendizagem - AVA¹ é uma plataforma mediadora para a construção do saber, propiciando experiências estéticas, gerando conhecimento e produtividade. Um espaço de muitas possibilidades, com multiplicidades de ferramentas que oferecem interatividade, saber coletivo, rede colaborativa, acesso à informações e condições de criações. A etnografia digital contribuirá na coleta de dados referentes às práticas pedagógicas do educador desta modalidade bem como a receptividade do aprendiz no ambiente de aprendizagem.

O mundo contemporâneo presencia uma cultura tecnológica, da qual tomam parte as gerações mais jovens, dos chamados “nativos digitais”, e também gerações que as antecederam, e transitam entre os modos analógicos

1 Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA: Terminologia utilizada para a plataforma digital no processo ensino aprendizagem.

de produção de textos e imagens, e de mediação com o mundo. Estes, muitas vezes, são chamados de “migrantes digitais”.

Nesse contexto, têm surgido movimentos nos quais as tecnologias tendências em que as tecnologias de informação e comunicação – TICs, segundo Lévy (2000), criam novos comportamentos e costumes, amalgamando o homem à máquina. As ferramentas tecnológicas podem tornar-se mídias poderosas nos processos ensino e aprendizagem. As tecnologias de informação e comunicação possibilitam a ampliação do conhecimento e podem proporcionar vivências relevantes para a formação humana. As redes telemáticas podem propiciar os sujeitos aprendentes a compreender o mundo de modo mais complexo, valorizando a sua cultura e a do outro, desenvolvendo novas formas de perceber e apreender a realidade.

O ensino a distância - EAD tem lançado mão de ferramentas tecnológicas que proporcionam interatividade e construção de conhecimento. O ambiente virtual de aprendizagem proporciona o saber e a experiência a partir de uma rede colaborativa, em que todos os participantes contribuem compartilhando suas percepções e aprendizagem. A imagem técnica alcança relevância especial no ensino de artes e no âmbito da EAD configurando-se em um recurso potencial desvelando a produção de conhecimento, experiência estética e criação.

Por meio de um estudo de caráter teórico, propõe-se um trabalho de cunho qualitativo, tendo em seu processo metodológico a etnografia em ambientes digitais, com enfoque em estudos investigativos nas salas digitais de disciplinas específicas na produção e interpretação de imagens.

Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs

A cultura contemporânea instaura a era digital, em que a informação comunicação articulam-se de modo extraordinário. Sobre as tecnologias de informação e comunicação – TICs, Fuser (2007) afirma que as redes de comunicação garantem a informatização da sociedade, em todos os âmbitos, no campo político e do poder, nas relações humanas, alcançando esferas mais sensíveis, como a afetividade.

Com as TICs há uma transformação nos modos de ver, pensar e agir da sociedade. As tecnologias se fazem presentes em todas as formas de acesso à comunicação.

Vivemos agora, uma “terceira modernidade”, com a disseminação das TICs. Estão em curso profundas mudanças de comportamento a partir do uso constante dos equipamentos de informática, associados à telecomunicação em grau de sofisticação até há pouco apenas imaginando, e em perspectiva de convergência tecnológica que apontaria para uma cibersociedade. A intensificação das tecnologias digitais traz consequên-

cias diversas no nível do cotidiano das pessoas, em todas as esferas, de maneira diferenciada mas socialmente ampla. Na prática cotidiana da disseminação de informações, isso é perceptível de múltiplas formas, a ponto de se tornar difícil a tarefa de se desenvolver qualquer atividade que não esteja total ou parcialmente inserida nos novos aparatos tecnológicos de informação. (FUSER, 2007, p. 74)

Os aparatos tecnológicos estão presentes no cotidiano das pessoas. Praticamente todas as tarefas do dia-a-dia utilizam os equipamentos de informática, surgindo novas características na interação da sociedade. A interatividade mediada pela rede possibilita a comunicação digital. Roester (2007) ressalta que estas interações virtuais dão um novo sentido cultural quanto ao tempo e ao espaço vivenciado na história. Os dispositivos de comunicação e informação fazem com que a localização geográfica não tenha tanta relevância apresentando possibilidades de interação a distância através de mensagens eletrônicas.

Está surgindo uma nova ordem social e comunicacional que se apresenta pela cibercultura – cultura que inter-relaciona informação, comunicação e tecnologia, gerada por meio de softwares especiais, pela interligação dos computadores e pelos dispositivos de comunicação – oportunizando a desmaterialização espacial e corporal por meio da possibilidade de participar de espaços virtualizados, do instantaneísmo das relações sociais e da troca de conhecimentos. (ROESTER, 2007, p.179)

A cultura contemporânea formata um novo modo de relacionar-se, de trocar conhecimentos. A comunicação forjada pela cibercultura é propiciada pela tecnologia. Lévy (1999) assinala que o ciberespaço é o resultado de uma busca por experiências coletivas de uma comunicação inovadora, em âmbito internacional. Afirma ainda que este é um novo espaço de interatividade, e que “cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.” (LÉVY 1999, p. 11) Há uma proliferação, um transbordamento de dispositivos, os bancos de dados, os hipertextos e as redes crescem admiravelmente, segundo Lévy (1999) há um turbilhão de comunicação e uma explosão das mídias, uma guerra de imagens e propagandas.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modo de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY 1999, p. 22)

Dialogando com o autor, a sociedade acompanha as transformações e o alargamento do ciberespaço. Numa expansão que conhece poucas fronteiras, amparada pelas redes de computadores interconectados, capazes de gerar cultura. O ser humano está imerso no mundo de signos, de imagens que dão sentido e razão à existência. Levy (1999) acrescenta que as imagens, as construções de linguagem por meio de aparatos técnicos inventados e produzidos estão impregnados na alma do homem. Este mesmo autor cita as tecnologias como produtos de uma sociedade, e natureza cultural. Nesses termos conceitua três entidades, a técnica como artefatos eficazes; cultura como dinâmica das representações; e a sociedade, que inclui pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força. E neste contexto a imagem é produto de representação cultural que carrega significados relevantes no processo de compreensão e transmissão de conhecimentos.

É incontestável que a cibertecnologia é interesse do poder estatal, pela sua potencialidade, representa ainda competição entre as grandes empresas que criam softwares cada vez mais sofisticados. Mas também é inegável a contribuição que oferece para os processos cognitivos e para o desenvolvimento da autonomia, para a busca da informação e das aprendizagens.

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino a distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. (LÉVY 1999, p. 29)

Os sistemas educacionais têm desenvolvido programas que utilizam a plataforma virtual para desenvolver processos de ensino-aprendizagem. Busca-se configurar uma modalidade de ensino que promova a construção do saber através de redes colaborativas. Ou seja, o conhecimento é consolidado pela troca de informações e experiências. Nesse contexto, as imagens técnicas ganham espaço e são consideradas mediadoras para a apreensão e aprendizagem. Toda dinâmica deste processo é realizada no Ambiente Virtual de Aprendizagem- AVA.

Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA

O AVA é um espaço com proposições de construção do saber através de um processo em rede colaborativa. Os envolvidos tecem o conhecimento utilizando ferramentas tecnológicas que possibilitam a comunicação e interação, a partir de temáticas inseridas na plataforma virtual para serem discutidas e apreendidas.

Os temas tornam-se mais compreensíveis quando interligados a processos imagéticos, compondo as formas de linguagens.

Neste sentido, assinala-se o pensamento de Vigotski (1998) quando aponta a imagem como criação do ser humano, que é elaborada para ser vista por outros seres humanos, permeada de representações culturais, tanto de quem cria, como no contexto que a imagem está inserida. Os seres humanos produzem as imagens com intenções, querendo transmitir uma informação e objetivando que espectadores compreendam sua comunicação. Vigotski (1998) trata o campo visual como sendo uma forma integral de apreensão, diferente da linguagem escrita. A percepção visual, portanto, é elemento significativo no AVA, pois é uma modalidade de ensino que não conta com uma estrutura física, mas um sistema digital, requerendo aparatos e suportes que instigam o cognitivo e o visual para a consolidação da aprendizagem.

Com esta concepção, segundo Lévy (1999) é possível pensar que o AVA é o espaço para a virtualização, ou seja, é um espaço para questionar o processo de criação. Sendo assim o AVA, oferece possibilidades de interação e construção do conhecimento. Independente de outros meios que possa ocorrer este ambiente de reflexão, a plataforma digital, potencializa e consolida novas aprendizagens, abrindo modalidades no processo educativo, tornando-se possível o ensino a distância.

O ambiente digital, de forma multilinear, por meio de conexões, propõe um processo de aprendizagem rizomático. Uma cultura *net* que requer aprendizagem interativa e pró-ativa. A complexidade desta modalidade de ensino representa desafios e estudos específicos para se perceber e apropriar desta nova lógica.

Pesquisa em Ambientes Digitais de Aprendizagem

Com o crescente avanço das tecnologias computacionais apresentando características próprias, emanam estudos e análises para compreender a complexidade que estes novos ambientes midiáticos configuram.

Um deslumbramento que supera práticas comunicacionais até então vivenciadas. A tecnologia digital passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, definindo identidades. Os mecanismos articulados nesta nova realidade exigem formas de apoderamentos para a apreensão do ambiente digital e implicações concernentes ao processo.

A atividade de aprendizagem *on-line*, um artifício considerado ainda recente, gera certa improvisação frente a situações ainda não experimentadas no contexto da interatividade. Demanda, portanto, elaborações de métodos e modelos para adequações às práticas comunicacionais.

Nesse sentido, surgem investigações com a finalidade de validar conhecimentos por meio da pesquisa científica no campo digital. Morin (2003) define as teorias científicas como sistemas de ideias proporcionando uma organização de dados. Segundo este autor, quando se trata de dados desconhecidos se faz necessário construir novas teorias.

O ambiente digital provoca alguns deslocamentos, exigindo novos percursos metodológicos, rompendo com métodos tradicionais. Pesquisadores perceberam que a etnografia possui técnicas podendo ser utilizadas nos estudos das culturas via *on-line*. Braga (2006) ressalta:

Entretanto, pensar as dinâmicas culturais ocorrentes no contexto da *Internet* implica uma reflexão prévia sobre as especificidades desse campo empírico, angulada pelas questões que a problematização da investigação suscita. O método etnográfico pode ser pertinente e operativo, apesar de muitas vezes demandar a complementação de outros aportes teórico-metodológicos. (p.3)

Para a autora, a técnica etnográfica até então foi aplicada a grupos sociais presencialmente, sendo uma novidade no ambiente de comunicação *on-line*, representando desafios metodológicos, requerendo ajustes nos pressupostos da etnografia.

Amaral (2010) em sua discussão sobre a etnografia e a pesquisa na cibercultura cita Hine (2009) e Kozinets (2010). Estes autores postulam aspectos direcionando os estudos deste método que começa surgir no âmbito da pesquisa. Hine (2009) assinala que na etnografia virtual² as variáveis aparecem de modo reflexivo e subjetivo. O processo etnográfico não está restrito apenas ao *online* mas também ao *offline* pela imersão do pesquisador com o próprio meio.

Amaral (2010) cita algumas terminologias, criadas para designar as pesquisas em ambientes digitais: *netnografia*, etnografia digital, *webnografia* e ciberantropologia. Termos que segundo a autora apresentam distinções em suas definições, mas para vários pesquisadores, dentre eles o Kozinets (2010), não é necessário esta multiplicidade de termos, pois geram dificuldades nos resultados obtidos. No entanto, o autor afirma que a *netnografia* pontua as especificidades do método adaptado ao ambiente digital na forma de coleta de dados, na ética e análise da pesquisa.

Seguindo com o pensamento de Amaral (2010) a construção do campo de pesquisa é concretizado na observação e processo interpretativo, considerando três fronteiras, espacial, temporal e relacional nas esferas analítica, ética e pessoal.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que a ambiência digital é um importante elemento de análise e averiguações, com possibilidades de resultados consis-

2 Termo utilizado pela autora como sinônimo de digital.

tentes e subjetivos, mas não é descartado o processo de investigação presencial, quando se realiza conversações com os pesquisados, de maneira a perceber minúcias substanciais para a pesquisa.

Estas adaptações constituídas na pesquisa científica, no que tange a investigação em ambientes digitais de aprendizagem torna-se relevante fazer menção á pesquisa qualitativa neste procedimento metodológico.

Os discurso agrupam ideias, imagens e práticas, que propiciam formas de se falar, de se conhecer e de se produzir condutas associadas a tópicos particulares, a atividades sociais, bem como a modos de se localizar os sujeitos nas sociedades [...]. Em tal abordagem busca-se, também, entender como os saberes são produzidos por determinados discurso e como tais discurso se ligam ao poder, refutam as condutas, formam ou constroem identidades e subjetividades e definem a forma como são representadas, refletidas, praticadas e estudadas certas coisas. (WORTMANN apud TOURINHO, 2012, p. 235)

Pensar nas características da pesquisa qualitativa é atrelar a subjetividade do pesquisador com seu objeto de pesquisa. As abordagens qualitativas requerem despojamento de crenças, flexibilidade e sensibilidade para compreender os possíveis vieses que a pesquisa pode apresentar em seu percurso. Conduzir o processo metodológico na perspectiva etnográfica com cunho qualitativo propiciará entrecruzamentos entre ciências e métodos, possibilitando construções significativas no tema proposto pela pesquisa.

Caminho Metodológico

O objeto de estudo proposto na pesquisa compreende caminhos em que uma de suas etapas consiste na pesquisa do AVA. Um procedimento metodológico, de cunho qualitativo com uma dinâmica de investigação e análise da ambiência do processo ensino-aprendizagem em EAD. Tendo como pressuposto as múltiplas narrativas por meio do discurso em texto e/ou produção imagética apresentadas no contexto das experiências estéticas, cognitivas, mediadas pelas imagens técnicas.

O AVA oferece múltiplas ferramentas para a construção do conhecimento, interatividade e experiências estéticas. Uma investigação que circunscreve as possibilidades exploradas pelo educador e educando, bem como as possíveis conexões promovidas no percurso do processo de aprendizagem.

Este segmento da pesquisa proporcionará reflexão e interpretação de dados coletados no ambiente *online* articulado a procedimentos presenciais, denominada, portanto uma pesquisa híbrida.

O ambiente digital e suas múltiplas possibilidades de construção do saber, passam a fazer parte da prática pedagógica do educador. Recursos tecnológicos

que se interrelacionam, desencadeando processo de aprendizagem, em que ficam registradas de forma crescente e abrangente as interações, reflexões, experiências estéticas, fazeres e saberes construídos no desenvolvimento do tema proposto.

Os procedimentos metodológicos circunscrevem na observação não-participante do ambiente digital, visando perceber a dinâmica promovida pelo educador a partir das imagens técnicas. Compreender de que forma educador/educando lidam com estas imagens. Nesta etapa demanda vigilância na apropriação, para que não seja uma mera transposição de dados quantitativos, comprometendo a apreciação de cunho qualitativo. Os cuidados que esta fase requer consistem em análise e reflexão dos dados coletados. O AVA é uma realidade não totalitária, por não conter todas as subjetividades e percepções dos envolvidos no processo, exigindo etapas de investigação em contato presencial com os pesquisados.

Para calcar o estágio de observação será mantido um diário de campo onde serão registradas as impressões do pesquisador sobre a dinamicidade dos pesquisados. Estes registros são valiosos na produção etnográfica da pesquisa, segundo Amaral (2010) o diário de campo tem a função emotiva, empírica, reflexiva e analítica. O diário permitirá a descrição do processo ensino-aprendizagem realizado nas salas digitais, percebida com as investigações nos fóruns discursivos, chats e outros recursos a serem utilizados pelo professor.

As investigações no ambiente digital acopladas a outros métodos contribuirão para a consolidação da pesquisa em questão.

Referencias Bibliográficas

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. *Rev. USP* [online]. 2010, n.86, pp. 122-135. ISSN 0103-9989. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n86/11.pdf>>. Acesso em: 05/02/2013

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNIrevista*. 2006, vol. 1, n° 3, pp. 1-11. ISSN 1809-4651. Disponível em: < http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF>. Acesso em: 05/02/2013

FUSER, Bruno. As novas tecnologias da comunicação e da informação no panorama da inclusão social e digital. P. 74. **Comunicação: tecnologia e identidade**. Orgs. Iluska Coutinho, Potiguara Mendes da Silveira Jr. (organizadores). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____ **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROESTER, Jucimara. Cibercultura, comunicação e educação on-line. p. 179 **Comunicação: tecnologia e identidade**. Orgs. Iluska Coutinho, Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: Questões éticas, estéticas e metodológicas. In: **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para educação**. Orgs. Martins, Raimundo; Tourinho, Irene. Santa Maria: Editora USFM, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

Minicurrículo

Dilma Marques Silveira Klem possui graduação em Educação Artística, ênfase em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Montes Claros. Especialista em História das Artes e Pedagogia em Espaços Não-Escolares. Atualmente está na coordenação de Tutoria do Curso de Artes Visuais da Universidade Aberta do Brasil, coordenação geral do Projeto Arte na Escola - Polo Unimontes e professora no curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Montes Claros.